



designação:

Fábrica de Cerâmica de Santo António do Vale da

tipologia:

Complexo Industrial

período histórico:

Idade Moderna

freguesia:

Santa Marinha

lugar:

Vale da Piedade

coord. geográficas(datum 73):

-41383.8656,163734.0315,0

altitude (m):

20

carta 1/25 000:

122

dispersão dos vestígios:

Além do edifício principal, a fábrica estendia-se pelos terrenos adjacentes, onde se vêem ainda ruínas, restos de caqueiros e outros elementos.

espólio:

Fragmentos cerâmicos resultantes da produção da fábrica recolhem-se em abundância nos terrenos dos quintais.

local de depósito do espólio:

código inventário arquitectura:

código nacional de sítio:

classificação / protecção:

Inventariado

categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Inventariada

situação e acessos:

A entrada para o complexo fabril faz-se pela Rua de Viterbo de Campos, a uma distância de meia centena de metros do Cais Capelo e Ivens.

breve caracterização:

Ao comerciante e industrial genovês Jerónimo Rossi deve-se a fundação desta fábrica de cerâmica, no ano de 1784, numa propriedade adquirida para o efeito junto ao mosteiro de Vale da Piedade. Segundo Vasco VALENTE (1949), a vida desta fábrica pode subdividir-se em três períodos. O primeiro, desde a sua fundação até 1842, sob a direcção de Rossi (que morreu em 1821) e posteriormente de suas filhas e de Francisco da Rocha Soares, da Fábrica de Miragaia, e outros empresários. Um segundo período inicia-se em 1846, com a aquisição da unidade fabril por João de Araújo Lima (LEÃO 1999:278) após ter sido seriamente danificada por um incêndio, até que novo incêndio a destruiu em 1886. Reconstruída sob nova gerência em 1897, a Cerâmica de Vale da Piedade teria ainda um último fôlego, deixando de laborar nos inícios da década de 1930 (SOEIRO et al. 1995:238). Produzindo inicialmente louça de faiança de boa qualidade, de que se exportavam grandes quantidades para o mercado brasileiro, a fábrica diversificou a sua produção com João de Araújo Lima, a partir de meados do séc. XIX, fabricando-se para além de faiança, louça de pó-de-pedra, grés, azulejo, telha pintada e peças de ornamentação. Na segunda metade do século XIX o edifício principal deste estabelecimento manufactureiro, que empregava centena e meia de operários, apresentaria já uma disposição similar à que hoje pode ver-se, segundo o Inquérito Industrial de 1881, que descreve como a fabricação da louça se distribuía pelos três andares do prédio, com pouca ou nenhuma maquinaria e com todo o trabalho e circulação a fazer-se pela escadaria interna (SOEIRO et al. 1995:237). No que hoje se conserva do edifício desta fábrica, entretanto adaptado a habitação e recentemente desocupado

trabalho realizado:

Visita

conservação:

Mau

uso do solo:

Urbano

ameaças:

Construção Civil

fontes:

VALENTE 1949; SOEIRO et al. 1995; LEÃO 1999; SILVA, A. M.; RIBEIRO 2002

observações:

pelo seu avançado estado de degradação, pode ver-se amplo mostruário dos azulejos e telhas de beiral em faiança que aí se produziram. Nas construções adjacentes reconhecem-se ainda alguns corpos das instalações fabris desde a 2ª metade do século XIX, conforme surgem representadas em plantas antigas (SOEIRO et al. 1995:235). A memória do Campo dos Cacos, um antigo vazadouro, e a abundância de fragmentos cerâmicos e de louça enchacotada nos terrenos próximos dão pálido testemunho do que foram cerca de 150 anos de produção cerâmica de uma das grandes fábricas da região portuense dos inícios da industrialização.